

Do seu livro «*O Render dos Heróis*», disse José Cardoso Pires em uma entrevista: — «*Trabalhei neste livro três anos. E ao cabo deste tempo, há pelo menos uma coisa que continua em mim: — a convicção de que a melhor maneira de contar o assunto de «Render dos Heróis» ainda foi aquela que escolhi. A parada dos mitos heróicos (que foi tudo o que eu quis descrever neste caso) figurou-se-me desde princípio com determinado colorido. Isso impôs à narração um tratamento espectacular. Espectacular, de espectáculo. Esta minha história é contada em forma de espectáculo. É uma parada. Deste modo, os capítulos do livro podem ser realmente cenas. E vice-versa. Tanto faz...»*. — Ora, — que peque a narrativa ligeiramente quanto a um clímax, a exigir porventura mais atenção para um crescendo *dramático*, — a parada dos «heróis» resultou. Os ambientes estão sugestivamente recriados. Algumas figuras grotescas são admiravelmente dadas. Maria Ricarda chega a tomar certo acento trágico. A reunião da Junta, a nomeação de P.º Casimiro, a cena de Matamundos e Doutor Silveira na adega — denotam poder caricatural. Bem aproveitados são a dicacidade popular, o conceituoso aplicado, os versos, tanto os puramente de fundo como aqueles que vêm carregados de sentido. Significativa é a figura do Cego — que afinal — não é, como a apresentação da sombra-vulto Maria da Fonte. Da leitura, a *parada* resultou uma autêntica parada, com colorido, as figuras resultaram vivas, não se perdeu uma significação a tirar. Uma nota que parece indispensável fazer é a de que se José Cardoso Pires, viajado, lido, não sacrifica ao ídolo de uma temática alheia às nossas realidades, também os motivos os vai buscar à realidade nacional de ontem e hoje. Assim em «*Os Caminheiros*»; assim em «*Histórias de Amor*»; assim em «*O Anjo Ancorado*»; assim em «*O Render dos Heróis*». E, ou pelo sabor, ou pelo encontro de épocas, não foi difícil sentir Arnaldo Gama, por vezes Camilo, como Gil Vicente, nesta narrativa dramática. Aliás o Camilo de «*Maria da Fonte*» esteve presente naquela cena da adega, onde nos passou certo sabor das «*Novelas do Minho*», certa «*Brasileira dos Prazins*», no recorte das figuras, no pitoresco das situações. E isso, que é importante, quanto a nós, significa que, para José Cardoso Pires, a leitura de Vailland, Chamson, Faulkner, Brecht, não o fez esque-

cer os nossos valores, a nossa tonalidade própria, as nossas constantes psicológicas, os nossos costumes, em favor de uma literatura insípida, de valores psicológicos tabelados, costumes que nada nos dizem, ideias e princípios que nem bem se nos adaptam e de que se sente o postigo, como em inúmeras obras incharacterísticas que por aí circulam. Olhando para as nossas realidades, a nossa tradição literária, embora sem desaproveitar as lições dos de fora, José Cardoso Pires consegue-se, assim, a cada livro que escreve, em obras que não são apenas mais um livro mas que, reflectindo uma pessoal originalidade, — até expressa num estilo enxuto, dicaz por vezes, relativamente policiado mas sem affectação, desempoeirado mesmo e mesmo, por vezes, oral, — reflectem também um cartesiano aferir dos nossos valores, empenhado, construtivo, ainda quando parece servir apenas um jocoso. (Publicações Europa-América).